

OS IMPACTOS DA PANDEMIA NA RENDA E NO SUSTENTO DAS MULHERES FEIRANTES E DE SUA PROLE EM PARINTINS-AM

THE IMPACTS OF THE PANDEMIC ON THE INCOME AND LIVELIHOOD OF WOMEN MARKETERS AND THEIR OFFSPRING IN PARINTINS-AM

Elenice Szatkoski

Instituto Federal do Amazonas-IFAM Campus Parintins
 elenice.szatkoski@ifam.edu.br

Doutora em História das Sociedades Ibéricas e Americanas/PUC/POA/RS
 IFAM - Campus Parintins-AM

Angela Riva Miranda

Instituto Federal do Amazonas-IFAM, Campus Parintins
 angela.miranda@ifam.edu.br

Profa. Mestra em Estudos Literários/UFMG
 IFAM - Campus Parintins-AM

Elvis da Silva Reis Junior

Bolsista Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC)
 Aluno do Curso Técnico Integrado em Agropecuária
 IFAM - Campus Parintins-AM

RESUMO

O presente artigo, para compor o corpo do Dossiê temático, está inserido na linha de pesquisa Inclusão e diversidade em espaços formais e não formais no ensino na EPT, que abrange a temática quanto às questões de gênero como é o caso do trabalho das mulheres feirantes e a crise na atividade exercida por elas em Parintins-AM durante a pandemia, e quais as alternativas adotadas para sustento do grupo familiar. Nesse município, muitas mulheres trabalham de maneira autônoma na venda de produtos locais tanto em feiras oficiais como em feiras distribuídas em vários locais e essa comercialização depende da sazonalidade. Para a elaboração do artigo foram realizadas pesquisas quantitativas in loco e qualitativas para a observação da realidade vivenciada pelas mulheres feirantes em seu local de trabalho. Outro aspecto foi a coleta de dados para a elaboração das tabelas e gráficos estatísticos e para a percepção de como as mulheres podem empreender ou desenvolver alternativas em tempos de crise pandêmica. Também apontaram-se os resultados que podem instrumentalizar os professores com o fim de agirem nos seus processos didático-pedagógicos e proporem alternativas de cursos

ou propostas de ensino para essas mulheres feirantes, bem como uma ação do Campus Parintins juntamente com este grupo de comerciantes, para a qualificação nos processos administrativos, ambientais e de comercialização.

Palavras-chave: Mulheres, Trabalho, Pandemia, Parintins-AM

ABSTRACT

This article, to compose the body of the thematic Dossier, is inserted in the research line Inclusion and diversity in formal and non-formal spaces in teaching at EPT, which covers the issue of gender issues, as is the case with the work of women marketers and the crisis in the activity performed by them in Parintins-AM during the pandemic, and what alternatives were adopted to support the family group. In this municipality, many women work autonomously in the sale of local products both in official fairs and in fairs distributed in various locations and this sale depends on seasonality. For the elaboration of the article, quantitative in loco and qualitative research were carried out to observe the reality experienced by women marketers in their workplace. Another aspect was the collection of data for the preparation of statistical tables and graphs and for the perception of how women can undertake or develop alternatives in times of pandemic crisis. The results that can equip teachers to act in their didactic-pedagogical processes and propose alternative courses or teaching proposals for these women marketers were also pointed out, as well as an action of Campus Parintins together with this group of merchants, for qualification in administrative, environmental and marketing processes.

Keywords: Women, Work, Pandemic, Parintins-AM

INTRODUÇÃO

O presente texto expõe uma pesquisa a respeito do trabalho das mulheres feirantes em Parintins-AM, da crise na atividade exercida por elas durante a pandemia, e das alternativas de sustento do grupo familiar.

Este estudo se justifica pela necessidade de saber como essas mulheres que têm intensa atuação na venda de produtos locais, tais como, bananas, mamão, peixe, tanto em feiras oficiais quanto em feiras distribuídas em vários espaços do município, foram impactadas pela impossibilidade de exercer seu ofício; também pelas informações sobre os produtos comercializados como, por exemplo, origem e variedade; e a sazonalidade na venda.

Para tanto, foi necessário verificar, por meio de visitas, a realidade vivenciada pelas mulheres feirantes em seu local de trabalho; coletar dados por meio de entrevista para a elaboração de estatísticas que revelassem a variedade de produtos

locais e externos ao município; conhecer como conseguiram se manter nesse momento de crise.

Além disso, pretendeu-se aproximar o bolsista da prática da elaboração de um texto científico no qual estariam elencados os resultados; e instrumentalizar o corpo docente afim a essa área para que pudesse agir nos seus processos didático-pedagógicos com alternativas de cursos ou propostas de ensino para essas mulheres feirantes.

A presente pesquisa está inserida no grupo de pesquisa em humanidades, na área do conhecimento de História Regional do Brasil e na linha de pesquisa de desenvolvimento regional na construção de uma sociedade sustentável vinculada ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Campus Parintins. Para tanto será apresentado o histórico da luta das mulheres na inserção do trabalho bem como os modos de sustento e sobrevivência da prole.

A mulher na perspectiva histórica no mundo do trabalho

Ao trabalharmos com a temática sobre as mulheres no mundo do trabalho, temos de ter um olhar na história o qual vai do primitivismo no período do regadio, quando a agricultura começa a ser desenvolvida, até o pioneirismo das mulheres na plantação e coleta de grãos transformando o mundo neolítico com a grande revolução agrícola da humanidade.

Isso porque, afinal, elas souberam observar, enquanto se distanciavam do bando para cuidar da prole, que entre a caça e a pesca havia uma maneira de prover alimentos: a agricultura. Por isso que a revolução neolítica é uma descoberta da mulher, mesmo que muitos ignorem o fato e atribuam aos homens do neolítico tal acontecimento (DOMINGUES, 2020).

Também é interessante observar que, em nome de seus descendentes, a mulher abdicou de muitas capacidades e habilidades no mundo do trabalho. E muitas delas que desafiaram e se impuseram foram duramente massacradas ou esquecidas pela sociedade machista por longos períodos da história, sendo banidas e inferiorizadas tanto no exercício das atividades laborais como nas diferenças salariais (GOMES, 1996).

Além disso, sua condição de “reprodutora” ainda as exclui dos desejos e vontades de exercer atividades das quais o mercado de trabalho as repele.

Em se tratando de trabalho, faz-se necessário registrar a luta feminina nos mais variados tempos históricos, em especial, na revolução industrial do século XIX, quando o serviço fabril exigia a mão de obra da mulher e de seus filhos, mas os explorava até a exaustão, para não dizer até a morte (VAINFAS, 2013).

A mulher desse período não tinha direito algum no chão de fábrica, exercia sua função durante jornadas de até dezoito horas diárias e ainda provinha ou tentava de alguma forma acalantar os seus rebentos. Esta luta, no período relatado, empreendida por homens desempregados e mulheres laborando, consolidou

alguns direitos que permeiam a história do trabalho da mulher na sociedade.

Dessa forma, segundo Uchôa (2016):

Em geral, a concretização dos direitos das mulheres apresenta uma sucessão de altos e baixos. Até o século XIX, embora se pudesse constatar uma escala evolutiva em desenvolvimento, não se podia falar efetivamente em garantias e proteção feminina tampouco de movimento feminista (p. 20).

Não diferente desse contexto, as mulheres rurais e urbanas no século XX enfrentaram grandes desafios de trabalho de campo e urbano. Ou no campo ou na fábrica, os direitos das mulheres brasileiras foram desrespeitados historicamente e, elas, banidas do acesso a cargos e chefias que se identificavam como “coisas de homens”.

Tal expressão, em uma sociedade machista, servia para se apoderar não só do corpo das mulheres, mas também de suas atitudes e até de seu soldo mensal. Mas elas resistiram, lutaram e lutam para conquistar o respeito e a igualdade em uma sociedade, na qual não existe fronteira para o machismo, já que é global.

Cabe ressaltar a greve de 1917 no Brasil, organizada por trabalhadores anarquistas e socialistas, em que homens e mulheres do trabalho urbano e rural, entre estes, trabalhadores da indústria manufatureira de algodão, estavam insatisfeitos com a nova exigência do trabalho noturno.

Além disso, reivindicavam o retorno da contribuição ao esforço bélico italiano (inseridos no contexto da primeira guerra mundial) a qual havia sido extinta; o aumento salarial; e a regulamentação do trabalho de mulheres e crianças.

Ocorreram não só paralisações em outras fábricas e pequenas oficinas, como também em fábricas de grande porte como Crespi, Antártica, Estamperia Matarazzo, Fábrica Mariangela de Matarazzo, Tecidos de Juta, Lanifício de Camillis.

Figura 1 - Greve Geral de 1917



Fonte: <https://www.infoescola.com/historia-do-brasil/greve-geral-de-1917/>

Essa greve foi coordenada pelo Comitê de Defesa Proletária, em 9 de julho, ocorrendo embates de rua com assaltos e com ataques à cavalaria da polícia. Nesses protestos de 11 e 13 de julho, foram registradas as mortes de Nicola Salermo, José Gimenez Martinez e da menina Edoarda Bindo.

Figura 2 - Greve de 1917



Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=greve+de+1917+brasil&tbm>

Podemos afirmar que a luta feminina nas fábricas do Brasil se inicia com o movimento operário de 1917, porém ainda exige muito no século XXI em se tratando do respeito, igualdade e condições de trabalho.

Assim, segundo Magalhães et al (2020):

A inserção da mulher, no mercado de trabalho, foi marcada por enfrentamentos aos preconceitos que, historicamente, incidiram e, ainda, incidem, sobre as mulheres em várias dimensões, inclusive em relação à inserção profissional. Diante disso, decorrem impactos nas relações culturais e sociais, com mudanças de paradigmas na sociedade e família. No Brasil, o ingresso da mulher no mercado de trabalho se dá sob o signo de desigualdade, evidenciado pelo pagamento de salários inferiores, no acesso restrito a direitos sociais e nos obstáculos criados para o crescimento profissional.

Assim, o trabalho das feirantes não remete somente à luta histórica pelo trabalho como necessidade de sobrevivência da prole, mas também à economia. Por muitos anos, o trabalho feminino, cuja mão de obra, no decorrer da história, foi reprimida, resumindo-se apenas ao ambiente doméstico, aos cuidados da família, esposo e filhos, aos poucos foi ganhando espaço no mercado de trabalho.

A mulher de classe mais baixa se sentiu obrigada e sentiu ser de suma necessidade sua inserção no mercado de trabalho informal, devido à necessidade de ajudar na renda familiar. Além desse fator, a violência doméstica faz do trabalho um refúgio diante de todas as dificuldades que enfrentam.

Uchôa (2016) escreve:

O que importa ressaltar é que as práticas discriminatórias perpetradas contra as mulheres - e, em especial contra as trabalhadoras - manifestam uma forma peculiar de abuso, que tem como ascendência fenomenológica a hegemonização de um preconceito fundado numa equivocada estruturação sexista da sociedade, com raízes no patriarcado, o que torna a provocação do problema em difícil repto, não obstante a urgência e a necessidade (2016, p. 20).

Nesta mesma linha da mulher e do mercado de trabalho, Camargo (2020) manifesta que:

São diversas as desigualdades existentes na sociedade brasileira. Uma das mais evidentes refere-se às relações de gênero, estando menos relacionada à questão econômica e mais ao ponto de vista cultural e social, constituindo, a partir daí, as representações sociais sobre a participação da mulher dentro de espaços variados, seja na família, na escola, igreja, nos movimentos sociais, enfim, na vida em sociedade. (CAMARGO, 2010)

Bem como continua Camargo (2020): “Nos dias de hoje é recorrente a concentração de ocupações das mulheres no mercado de trabalho, sendo que 80% delas são professoras, cabelereiras, manicures, funcionárias públicas ou trabalham em serviços de saúde.”

Pode-se perceber que 20% estão na informalidade ou em subempregos e até mesmo ocultadas dos registros com trabalho análogo ao trabalho escravo, infelizmente, existente no Brasil contemporâneo.

Segundo pesquisas de emprego e desemprego (PED) do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), divulgadas em 2013, e que perdura agravando o quadro até o momento, registra-se:

[...] que as mulheres lidam com dificuldades expressivas no cotidiano laboral, representando mais da metade da população desempregada e, entre as ocupadas, percebendo rendimentos inferiores aos homens. Dessa maneira, melhorar as condições gerais da trabalhadora no mercado é um desafio importante à consolidação de novas relações sociais. (UCHÔA, 2016, p. 18)

Tomando como referência Uchôa (2016), ele considera que:

Não há dúvidas de que a situação social das mulheres melhorou, e melhorou muito, desde o século XIX, quando começaram efetivamente a se organizar os movimentos feministas. Porém, a epopeia de conquista feminista, ao longo do que ocorre até hoje, está eivada de oscilações entre bons e maus momentos, retomando a muitos séculos anteriores à contemporaneidade. (2016, p. 24)

Este artigo, atual, não foge à luta das mulheres no seu universo, senão corrobora ao apresentar dados sobre o perfil socioeconômico das feirantes de quatro feiras da cidade de Parintins. Também foi verificado durante o processo de pesquisa a rotina dessas trabalhadoras, que se mostrou repleta de deveres e ocupações.

Nos depoimentos relatados pelas mulheres feirantes, apesar de se mostrarem “pedra forte”, constata-se que existe um “cristal trincado”, pois muitas vezes surgem narrativas de violência doméstica e encontram no trabalho um refúgio dessa situação que as atormenta. São mulheres, na sua maioria, dependentes financeiramente de seus companheiros e que buscam no trabalho uma forma de empoderamento para vencer as dificuldades que as cercam.

As mulheres feirantes de Parintins-AM e as alternativas de trabalho na pandemia

Assim o estudo não só contemplou o trabalho das mulheres feirantes e a crise na atividade exercida durante a pandemia em Parintins-AM, bem como mostrou a falta de alternativas para o sustento do grupo familiar, ficando dependentes do auxílio oferecido pelo Governo Federal.

O contato entre pesquisador e pesquisadas através da coleta de dados para estatística revelou um conhecimento da realidade vivenciada pelas mulheres feirantes, revelando um universo de possibilidades que podem ser agregadas pelas mulheres para empreender ou desenvolver alternativas bem-sucedidas que promovam o seu trabalho e o bem-estar de sua prole cujo resultado será a oferta de qualificação profissional em cursos de Formação Inicial Continuada (FIC) ou de extensão pelo Instituto Federal do Amazonas – Campus Parintins.

Assim posto, foram selecionados locais de feiras em Parintins-AM onde as mulheres comercializam seus produtos. O método utilizado foi por amostragem sendo escolhidas em cada local uma representante para a entrevista quantitativa com o bolsista do PIBIC e a supervisão da coordenação. Também para a classificação de pobreza e extrema pobreza foram utilizados os dados estatísticos sobre a população disponibilizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e (DIEESE).

O primeiro local selecionado para a pesquisa com as mulheres feirantes foi o Centro nominado de Boulevard quatorze de maio (Feira do Produtor). A feirante entrevistada “A”¹ oferece em sua tenda frutas, verduras, farinha e carvão, o que pode ser visualizado na Figura 3. Ela afirma que a maioria dos produtos comercializados chegam do Pará, somente as hortaliças são produzidas em Parintins.

1 As mulheres feirantes de Parintins/AM, neste artigo, foram nominadas por letras A, B, C, D, preservando os locais de coletas de dados no município.

Figura 3 - Feira do Produtor



Fonte: Elves da Silva Reis Junior (2021)

Conta com a ajuda do marido para o sustento da família constituída de cinco filhos e o pagamento das despesas mensais da casa como água, luz e as contas na feira que não supre os gastos necessários de seus familiares, porém é a única forma de trabalho que encontram.

Relata que, antes da pandemia, a média mensal de faturamento era de R\$ 1.000,00 (um mil reais) e o pior momento enfrentado foi o mês de maio de 2020 porque o impacto na renda e no sustento da família foi grande, pois ficou um mês sem vender hortaliças e frutas, porém já era cadastrada no bolsa família e, dessa forma, supriu um pouco as necessidades emergentes da pandemia. O segundo local foi no centro, na rua Rui Barbosa, Feira próximo ao Cais, local de feirantes autônomos. A entrevista ocorreu na tenda da entrevistada "B" que comercializa produtos como pimenta cheirosa, banana, camarão e macaxeira. Os produtos oferecidos por ela vêm da própria plantação e o camarão é pescado por ela mesma. Todos esses itens podem ser vistos na Figura 4.

O sustento da família, composta por cinco filhos, é garantido com a ajuda do marido. Suas despesas mensais consistem nos gastos da casa, na compra de sacolas plásticas para embalar os produtos e no pagamento dos carregadores para transportarem sua produção até a feira.

Não exerceu outra atividade durante a pandemia e a venda na feira não supriu todas as necessidades, somente cobrindo os gastos, não sobrando nenhuma reserva.

Antes da pandemia, seu faturamento se aproximava de R\$ 1.000,00 (um mil reais) e os piores meses de comércio foram março, abril e maio de 2020. O impacto da pandemia na renda mensal foi grande e passaram por dificuldades por três meses, pois não podiam expor os produtos.

Isso foi amenizado pela bolsa família e por reservas que tinham economizado. Não exerceu outra atividade durante a pandemia, principalmente nos primeiros meses pandêmicos. Tem 16 anos como feirante e reside na comunidade de Brasília em Parintins, Amazonas.

Figura 4 - Rua Rui Barbosa, Feira próximo ao Cais (feirantes autônomos)



Fonte: Elves da Silva Reis Junior (2021)

Também no centro, na rua Benjamin da Silva, na Feira Municipal Leopoldo Neves, a feirante contatada foi a entrevistada “C” que vende frutas e verduras algumas produzidas em Parintins e outras que chegam de Santarém. Sua tenda e produtos podem ser vistos na Figura 5.

Ela trabalha com o esposo e sustentam um filho, a sogra e seus pais. Suas despesas são as contas mensais da casa como luz, água e alimentação e aquelas provenientes do comércio com a compra de sacolas plásticas e com os carregadores para o transporte dos produtos. A feira é o único local que propicia renda para a família.

Antes da pandemia, a média do lucro na feira era de R\$ 1.400,00 (um mil e quatrocentos reais) mensais, mas houve grande redução na venda de produtos nos meses de maio, junho e julho de 2020 e contou com o auxílio que já recebia do bolsa família.

Nesse período de pandemia, não teve outra atividade laboral e a renda que da feira que ficou estagnada. O esposo sempre foi feirante e a entrevistada “C” trabalha e exerce essa função há oito meses. Residem em Parintins, Amazonas.

Figura 5 - Feira Municipal Leopoldo Neves



Fonte: Elves da Silva Reis Junior (2021)

A Figura 5 mostra a banca que se localiza na rua Osvaldo Novo - também conhecida como estrada. A feirante que colaborou com a pesquisa foi a entrevistada “D” que comercializa frutas e verduras em geral, produtos que vêm de Santarém, Pará. Seus produtos podem ser visualizados na Figura 5. É a pessoa que sustenta com o seu trabalho a família composta pelo marido e filhos.

As despesas são as mensais da casa como luz e água e da feira com as sacolas plásticas. A atividade na feira consegue suprir os gastos e não precisa exercer outro tipo de atividade laboral. A média de ganho variava de R\$ 500,00 (quinhentos reais) por semana antes da pandemia a R\$ 1.000,00 (um mil reais) por mês. O pior mês da pandemia foi abril de 2020 e adotou o sistema delivery para entregas posteriormente.

A pandemia trouxe uma queda brusca nas vendas bem como na renda suprimindo suas necessidades com o bolsa família no qual já era cadastrada. Não conseguiu exercer outra atividade durante os períodos mais críticos da pandemia e tem de 7 a 8 anos como feirante. Reside no município de Parintins, Amazonas.

Figura 6 - Feira da Rua Osvaldo Novo



Fonte: Elves da Silva Reis Junior

A Tabela 1 apresenta, em ordem crescente, os produtos mais citados comercializados cuja origem pode ser tanto local como oriunda de Santarém, Pará. A laranja, por exemplo, que é comercializada por todas as mulheres feirantes chega de Santarém. Conforme observa-se na tabela abaixo:

Tabela 1 - Produtos mais comercializados nas feiras

Posição	Produtos
1º	Banana
2º	Laranja
3º	Pimenta cheirosa
4º	Limão
5º	Cebola
6º	Cheiro verde
7º	Batata
8º	Tomate
9º	Maçã
10º	Coco

Fonte: Elves da Silva Reis Junior (2021)

O Gráfico 1 mostra a porcentagem de produtos que vêm de fora de Parintins, ou seja, de outros lugares (cidade, interior ou região). No entanto, a maioria dos produtos vendidos pelas mulheres feirantes entrevistadas são principalmente as frutas que chegam de Santarém, Pará.

Gráfico 1 - Porcentagem de produtos oriundos de outros lugares



Fonte: Elves da Silva Reis Junior, 2021

Uma das feirantes é uma exceção, pois seus produtos são cultivados por ela assim como o camarão, pescado por ela também. A maioria das hortaliças são cultivadas pelas próprias feirantes ou compradas de outras quem vendem em Parintins.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se perceber, neste trabalho de pesquisa, que as mulheres feirantes de Parintins labutam para incrementar a renda familiar que em média é constituída de sete membros por família. Chamou a atenção que todas possuem benefícios do bolsa família cujos critérios são famílias em situação de pobreza ou extrema pobreza.

As famílias extremamente pobres são aquelas que têm renda mensal de até R\$ 89,00 por pessoa ou cuja renda mensal esteja entre R\$ 89,01 (oitenta e nove reais e um centavo) e R\$ 178,00 (cento e setenta e oito reais) por pessoa. Mães solteiras, com um filho, podem receber até R\$ 205,00 mensais, assim não podemos classificar as mulheres feirantes com situação de extrema pobreza, mas pobres.

Também é uma atividade que envolve os maridos e os filhos que ficam juntos nos locais de comércio, mais próximos do cuidado das mães. A maioria dos produtos oriundos do estado do Pará reduz o ganho mensal das feirantes e reduz os ganhos mensais.

Já se observa que mulheres feirantes que vendem seus produtos a partir da própria produção ou do próprio pescado têm uma elevação na renda mensal. Os custos elevados para a transporte dos produtos até os pontos de comércio é outro fator que diminui a renda familiar, bem como o custo com sacolas plásticas para a entrega do produto ao freguês.

Nesse contexto e, propondo soluções que poderiam ser incrementadas

a partir dos dados coletados, fazem-se necessárias ações do poder público bem como do Instituto Federal Técnico e Tecnológico do Amazonas, Campus Parintins, promovendo, por parte da municipalidade, o transporte gratuito desses produtos do porto e a entrega deles diretamente às mulheres feirantes. Também a melhoria das condições dos pontos de venda, construindo espaços/box onde os produtos possam ficar armazenados em segurança.

Outra iniciativa seria a oferta pelo IFAM, Campus Parintins, de qualificação em gestão e administração da atividade de feirante para essas mulheres, e de campanhas de substituição das sacolas plásticas pela utilização de embalagens recicláveis ou cursos que ofereçam a confecção delas de maneira artesanal. Outra ação é propor um projeto de lei municipal para a proibição do uso de sacolas plásticas como ocorre em outros municípios do país já que não existe uma legislação federal sobre o tema.

A utilização de carrinhos apropriados para feiras, outros recipientes de uso doméstico, bem como o uso de sacolas que os próprios consumidores portassem para colocar suas compras nas feiras são atitudes que podem envolver toda a comunidade escolar do IFAM e os cursos superiores para o planejamento e execuções das ações que, além da redução do custo mensal das mulheres feirantes, melhoraria a questão ambiental com ações práticas de sustentabilidade ambiental.

REFERÊNCIAS

A mulher e o mercado de trabalho - Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/a-mulher-mercado-trabalho.htm>. Acesso em: 10 jul. 2021.

DANTAS, I. Una economía solidaria con igualdad de mujeres. CONFERÊNCIA NACIONAL DE ECONOMÍA SOLIDARIA, 1., 2021, Brasil. **Anais** [...]. Disponível em: <<https://www.alainet.org/es/active/30956>>. Acesso em: 5 jun. 2021.

DOMINGUES, Joelza Ester. Mulheres ao longo da história (1): Pré-História. **Blog Ensinar História**. 05 jul. 2020. Disponível em: <http://ensinarhistoria.com.br>. Acesso em: 19 nov. 2021.

GOMES, Ângela de Castro. **O Brasil Republicano, Sociedade e política**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

Greve Geral de 1917 - História do Brasil. **Infoescola**. Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia-do-brasil/greve-geral-de-1917/>. Acesso em: 04 ago. 2021.

MAGALHÃES, Ana Hirley Rodrigues et al. Mulheres feirantes: estratégias para o reconhecimento das necessidades de saúde. **Rev Bras Enferm.** 2020; 73(2): e20180520. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0520>. Acesso em: 14 jul. 2021.

UCHÔA, Marcelo Ribeiro. **Mulher e o mercado de trabalho no Brasil**: um estudo sobre igualdade efetiva baseado no modelo normativo espanhol. 2015. Tese (Doutorado em Direito Constitucional) - Fundação Edson Queiroz, Universidade de Fortaleza – UNIFOR, Ceará, 2015. Disponível em: <https://www.dmtemdebate.com.br/mulher-e-mercado-de-trabalho-no-brasil-um-estudo-sobre-igualdade-efetiva-baseado-no-modelo-normativo-espanhol/>. Acesso em: 26 agos. 2020.

VAINFAS, Ronaldo; FARIA, Sheila de Castro; FERREIRA, Jorge; SANTOS, Giorgina dos. **História@**. 2.ed. São Paulo: Saraiva, 2013.